

**ASSOCIAÇÃO CARUARUENSE DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA – ASCES-UNITA
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

WALKYRIA JERÔNIMO OLIVEIRA

**ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL NACIONAL:
UM ESTUDO DE CASO DE COMO O NEGRO BRASILEIRO É APRESENTADO NO
TELEJORNAL**

Caruaru-PE

2018

WALKYRIA JERÔNIMO OLIVEIRA

**ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL NACIONAL:
UM ESTUDO DE CASO DE 12 EDIÇÕES DE COMO O NEGRO BRASILEIRO É
APRESENTADO NO TELEJORNAL**

Monografia apresentada ao Núcleo de Trabalho de Conclusão de Curso do Centro Universitário Tabosa de Almeida (Asces-Unita), requisito parcial para a aquisição de grau do curso de Jornalismo.

Orientadora: **Profa. Dra. Christiane Maria da Bôa Viagem Oliveira**

Caruaru-PE

2018

WALKYRIA JERÔNIMO OLIVEIRA

**ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL NACIONAL: um estudo de caso de 12
edições de como o negro brasileiro é apresentado no telejornal**

DISCOURSE ANALYSIS OF THE *JORNAL NACIONAL*: case study of how black people
are showed in its 12 edition

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo do Centro
Universitário Tabosa de Almeida como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Defesa em __/__/__

Nota: ____

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao Criador de Tudo que É.

À professora, coordenadora do curso de Jornalismo da Asces-Unita, e minha orientadora neste trabalho, Christiane Maria da Bôa Viagem Oliveira.

Ao professor José Antônio Faro, idealizador do questionamento tratado neste trabalho.

Ao professor Paulo Ricardo de Souza e Paiva, pelo apoio e compreensão.

E, ao professor de Psicologia da Comunicação José Orlando Carneiro Campello Rabello, responsável pelo estudo Análise do Discurso desenvolvido neste trabalho.

À minha psicóloga Shirley Freitas do Carmo, pelo seu profissionalismo, dedicação, carinho, respeito, apoio, generosidade, luz, por me sentir viva e me mostrar que tudo é possível. Graça, leveza, clareza e discernimento.

Ao professor e supervisor de estágio Diógenes José Pereira Barbosa, e muito mais além do seu profissionalismo; pela sinceridade, pelo respeito, pelo olhar crítico, pela humildade, pelo carinho, pelo amor demasiado humano, pela proteção, ...

Assim como à professora, jornalista e preceptora de estágio I Diana Bezerra e ao jornalista e preceptor de estágio II Josenildo Santos.

Gratidão.

DEDICATÓRIA

A Christiane Maria da Bôa Viagem Oliveira

PENSAMENTO

When we are clear about things, we have knowledge; with knowledge, we seek the path of truth; when the search is rewarded, the heart becomes good; with the heart made good, the moral view of things that leads to virtue is attained. — Confucius

Quando somos claros sobre as coisas, temos conhecimento; com conhecimento, buscamos o caminho da verdade; quando a busca é recompensada, o coração se torna bom; com o coração feito, a visão moral das coisas que conduz à virtude é alcançada. – Confúcio

A Deus

Pois o Senhor é quem dá a sabedoria; de sua boca precedem o conhecimento e o discernimento. Ele reserva a sensatez para o justo; como um escudo protege quem ama com integridade, pois guarda a vereda do justo e protege o caminho de seus fiéis.

Provérbios 2: 6-8

RESUMO

Este trabalho busca analisar como o negro brasileiro é apresentado no discurso do Jornal Nacional em 12 de suas edições, de 16 a 28 de abril de 2018. É um estudo de caso que se baseia na teoria semiótica do discurso de A. J. Greimas e seus seguidores: José Luiz Fiorin, Diana L. P. Barros e Yvana Fechin entre outros. Dedicase a analisar o terceiro nível do percurso gerativo do sentido proposto pela semiótica, observando a relação do enunciador com o enunciatário, as projeções da enunciação no enunciado e identificando a tematização e a figurativização na construção do discurso. Com esta abordagem, é possível dizer que o enunciador Rede Globo apresenta ao enunciatário público telespectador o negro sem preconceitos. No entanto, está ligado a temas como pouca formação escolar, pobreza, morador da periferia, estar à margem da sociedade, trabalho informal, necessidade de solidariedade para se desenvolver, injustiça, crime e violência. Deste modo, reitera o senso comum de como o negro é visto pela sociedade brasileira.

Palavras-chave: Semiótica do discurso. Enunciação. Jornal Nacional. Negro

ABSTRACT

This monography analyzes the *Jornal Nacional* discourse of how it presents brazilian black people in its 12 editions, from 12th to 28th April 2018. It is a case study which is based on A.J. Greimas semiotic theory e his followers: José Luiz Fiorin, Diana L. P. Barros e Yvana Fechine and others. It is dedicated to study the third level of semiotic's generative processo and to observe projection of sender Rede Globo in its utterance and its relation with enunciatee TV audience and identify tematization and figurativization on discourse. This approach may confirm *Jornal Nacional* discourse about brazilian black people, it shows them without prejudice. However, they are presented linking to themes as lack of school education, poverty, suburb inhabitants, to be margin of society, informal labour, needs solidarity of others to develop theirselves, injustice, crime and violence. Therefore, *JN* discourse reiterates brazilian society common sense about black brazilian people.

Key words: semiotic. Discourse. Enunciation. *Jornal Nacional*. Brazilian black people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Sigla do Jornal Nacional, o JN

Figura 2 Felipe Santana em Nova York

Figura 3 Alexandre Garcia, apresentador eventual

Figura 4 César Galvão, São Paulo

Figura 5 Renata Vasconcellos e Maria Júlia Coutinho no bloco da previsão do tempo

Figura 6 Renata Vasconcellos se levanta e anuncia a previsão do tempo

Figura 7 As informações da previsão do tempo com Maju Coutinho

Figura 8 Movimento de rotação da câmera antes de iniciar o Jornal Nacional

Figura 9 Fios imaginários

Figura 10 Abertura do Jornal Nacional

Figura 11 Tiago Eltz, Nova York

Figura 12 Luís Fernando Silva Pinto, Whashington

Figura 13 Cassiano Rolim, Palmas, Tocantins, Brasil

Figura 14 Marcelo Rocha, Curitiba, Paraná, Brasil

Figura 15 Maju Coutinho dá a previsão do tempo

Figura 16 em diversas localidades do Brasil

Figura 17 César Galvão, São Paulo

Figura 18 Felipe Santana, Nova York

Figura 19 Imagens do movimento de câmera no início do Jornal Nacional

Figura 20 William Bonner apresentando uma notícia internacional

Figura 21 Maria Julia Coutinho na Previsão

Figura 22 À esquerda, o economista Paul Singer; à direita, Eduardo Ferreira de Paula, representante do Movimento de Catadores

Figura 23 Sambista Yvone Lara / Cantora Alcione / Cantor Martinho da Vila

Figura 24 Suspeito de crime Mzee Shabani

Figura 25 Presos da operação contra milícias / Pablo Martins, primeira pessoa a ser solta na operação contra milícias

Figura 26 Elza Silva do Vale, mãe de Thiago Silva do Vale /Ana Paula, mãe de Filipi Oliveira / Renato da Silva Moraes, pai de Renato da Silva Moraes Júnior

Figura 27 Primeira mulher vista na matéria / Segunda mulher vista na matéria

Figura 28 Ironilda de Mello, mulher de Vinícius Santos Araújo / Alessandra da Silva Júlio, prima de Rafael da Silva Júlio / Adriana Cunha, mãe de Felipe Matheus Cunha da Cruz

Figura 29 Pessoas em oração

Figura 30 Imagens de pessoas sendo libertadas da operação contra milícias

Figura 31 Vigília na porta do Complexo de Bangu, Rio de Janeiro

Figura 32 Renata Vasconcellos fala do caso Marielle / Imagens da perícia feita no carro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. O CONTEXTO: TELEVISÃO, JORNAL NACIONAL E NEGRO BRASILEIRO..... | 12 |
| 2.1 - Televisão e Telejornalismo | 12 |
| 2.2 – O Jornal Nacional e a Rede Globo | 12 |
| 2.3 – O Negro Brasileiro e o Telejornalismo | 15 |
| 2.4 – A análise do discurso | 17 |
| 3. ENUNCIACÃO DO JORNAL NACIONAL | 20 |
| 3.1 – Projeção de Pessoa | 26 |
| 3.2 – Projeção de Tempo | 28 |
| 3.3 – Projeção de Espaço | 33 |
| 4. TEMAS E FIGURAS DO JORNAL NACIONAL | 33 |
| 4.1 -Análises do Jornal Nacional | 35 |
| 4.2 – Análises de reportagens | 35 |
| 4.2.1- Análise 1 | 37 |
| 4.2.2 – Análise 2 | 38 |
| 4.2.3 – Análise 3 | 39 |
| 4.2.4 – Análise 4 | 45 |
| 4.2.5 – Análise 5 | 45 |
| 4.3 – Isotopia temática relacionada a figura do negro brasileiro | 47 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| REFERENCIAS | |

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia apresenta de forma breve uma análise a partir da teoria semiótica do discurso de A. J. Greimas e os semioticistas Diana de Barros, José Luiz Fiorin, Yvana Fachine, entre outros. A investigação é feita a partir de 12 edições exibidas de 16 a 28 de abril de 2018 do telejornal, buscando observar a construção do seu discurso sobre o negro brasileiro.

A partir de um levantamento realizado em vários bancos de dados acadêmicos (SciELO, Intercom, SBPjor etc.), observou-se que há poucos trabalhos que tratam do Jornal Nacional em relação ao negro brasileiro. Assim, este vem contribuir para preencher uma lacuna existente no estudo dos discursos do Jornal Nacional em relação ao negro brasileiro.

O trabalho é desenvolvido em três capítulos. No primeiro, é contextualizado a televisão, o Jornal Nacional, como principal telejornal, fruto da evolução da TV e do telejornalismo no Brasil, e o negro brasileiro. A televisão, principalmente a TV brasileira, segundo os autores estudados, é definida como fonte principal de informação para os brasileiros. Está presente em 97, 2% dos domicílios, segundo dados do IBGE (2013). É um elemento de integração nacional, o centro da indústria cultural e é o principal meio de entretenimento dos cidadãos no país. (JACKS; REBOUÇAS, 2000).

Observa-se que o Jornal Nacional faz parte da grade de programação da Rede Globo de Televisão, é “... o mais antigo programa televisivo jornalístico em exibição do país” (GUTMANN, 2009, p. 20). Está no ar de modo ininterrupto desde o dia 1o de setembro 1969 e representa o conjunto de marcas que caracterizam um jornal de TV no Brasil (GOMES, 2011).

Quanto ao negro brasileiro, tema abordado neste trabalho, considerando os 130 anos da abolição da escravatura e a história do país, observa-se que não houve um projeto de inserção do negro na sociedade. Assim, a ideia aqui presente é justamente estudar como o negro brasileiro é apresentado atualmente no discurso do principal telejornal do país.

No segundo capítulo é estudada a enunciação do discurso do Jornal Nacional sobre o negro brasileiro, buscando-se a significação textual, tendo como o modelo semiótico de Greimas, o percurso gerativo do sentido que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

É tratado aqui o terceiro nível do percurso gerativo do sentido, o nível discursivo, que estuda a enunciação e os temas e figuras presentes no texto. Segundo Diana Barros (2011), a enunciação configura como a instância de intercessão entre um patamar narrativo e um patamar discursivo, que assegura as estruturas semióticas em categorias realizadas sob a

forma de discurso, no qual é possível identificar a manifestação da sua ideologia, a visão de mundo do discurso. Ou seja, é possível estudar e observar qual é a visão de mundo apresentada no discurso do Jornal Nacional quanto ao negro brasileiro que é nossa proposta neste trabalho.

São estudadas as projeções de pessoa, espaço e tempo da enunciação no enunciado. Na projeção de pessoa, segue-se a lógica de quem fala (eu) sempre fala com alguém (tu). Este eu e tu pressupostos, destinador e destinatário implícitos da enunciação, são denominados respectivamente de enunciador e enunciatário (FIORIN, 1999). Na projeção de tempo, o agora indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. E, por último, na projeção de espaço, o “aqui” é o lugar de onde alguém fala. Logo, é preciso saber onde se dá a enunciação para que ela possa ser partilhada.

No Jornal Nacional, a projeção de pessoa é observada pela interação dos apresentadores, repórteres, entrevistados e o público telespectador; as marcas que manifestam o Jornal, a Rede Globo, as falas, as imagens em movimento, as imagens paradas, os textos escritos na tela, o som e tudo que tem uma relação entre o eu e o tu do jornal. Vê-se também a reiteração do tempo da enunciação, o agora, e o ao vivo do telejornal e sua relação com o tempo dos acontecimentos. É bom lembrar que o Jornal Nacional é exibido à noite, em horário nobre, durante 50 minutos e é ao vivo. Quanto ao espaço, é feita uma análise de como o ambiente em que é apresentado o Jornal Nacional é importante no processo de diálogo ou na forma de apresentação do jornal. Daí faz-se uma análise dos movimentos de câmeras no espaço, onde está localizado o Jornal Nacional, a localização dos repórteres e outros elementos do que compõem o espaço do JN.

Por último, o 3º capítulo trata da tematização e figurativização. Tematizar um discurso “é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (BARROS, 2011, p. 66). A figurativização parte de uma abstração temática para uma concretização, criando um efeito de sentido de realidade, uma imagem do real e assim manifesta o mundo natural (COURTÉS, 1991). A partir daí, observa-se a figura do negro nas todas as 12 edições estudadas e se estabelece a relação deste com os temas presentes no discurso do JN.

Por fim, a análise evidencia como o negro brasileiro está ligado a temas como crime, violência, injustiça, pouca escolaridade etc., ou seja, manifesta o senso comum da cultura brasileira quanto ao negro: um cidadão “marginal” na sociedade.

1. O CONTEXTO: TELEVISÃO, JORNAL NACIONAL E NEGRO BRASILEIRO

2.1 Televisão e Telejornalismo

Mesmo diante das tecnologias como a internet, o relatório de Pesquisa Brasileira de Mídia (2016) revela que 89% dos entrevistados colocam a mídia televisiva como a principal fonte de informação. No Brasil, a televisão está presente em 97,2% dos domicílios, segundo dados do IBGE de 2013. Para alguns estudiosos como Reimão (2006) e Wolton (1996), a televisão é um elemento de integração nacional, o centro da indústria cultural do país e é o principal meio de entretenimento dos cidadãos no Brasil (JACKS; REBOUÇAS, 2000). É possível observar que, no Brasil, a televisão foi e ainda é este instrumento que cria, descreve, prescreve, arbitra a realidade e a existência social da população.

Como um dos principais produtos de informação na TV, os telejornais têm muito impacto na atualidade e ocupam lugares estratégicos nas programações televisivas. Segundo (BECKER, 2006), passou a ser um dos principais mediadores da realidade, ao promover desconexões e reposições da realidade nacional. Funcionam de maneira recorrente como expressão de construção social da realidade; logo, configuram um espaço importante de elaboração de sentidos.

O Jornal Nacional da Rede Globo é “...o mais antigo programa televisivo jornalístico em exibição do país” (GUTMANN, 2009, p. 20). Está no ar de modo ininterrupto desde o dia 1o de setembro 1969 e representa o conjunto de marcas que caracterizam um jornal de TV no Brasil (GOMES, 2011).

Encontra-se num lugar de protagonista na esfera da mídia brasileira e que, de alguma forma, configura o que hegemonicamente se reconhece como telejornal, e a sua presença histórica tem ajudado a ocupar uma posição de prestígio no campo jornalístico (GUTMANN, 2009).

O Jornal Nacional, com o sinal de transmissão da Rede Globo, atinge 5.490 municípios, representando 99,3% da população do país (MÍDIA DADOS BRASIL, 2013; NEGÓCIOS GLOBO, 2015). A Rede Globo integra o Grupo Globo, que também atua em outros ramos da comunicação como jornais, revistas, emissoras de rádio, TV por assinatura, empresas da distribuição de conteúdo e informação (MATTOS, 2010; GRUPO GLOBO, 2016).

2.2- O Jornal Nacional e a Rede Globo

Em 1965, 15 anos depois da chegada da televisão no Brasil, foi inaugurada a primeira emissora da atual Rede Globo, a TV Globo - canal 4, do Rio de Janeiro. Porém a emissora só conseguiu ser viabilizada graças a um acordo de cooperação técnica e financeira com o grupo norte-americano Time-Life. Esta cooperação se constituía num flagrante desrespeito à legislação brasileira. Na época, as empresas de comunicação não podiam receber investimento estrangeiro. O acordo com a Time-Life fora assinado em 1962, e depois em 1965. Mas os parlamentares consideraram que os contratos firmados com a Time-Life feriam a Constituição, alegando que a empresa norte-americana estaria participando da orientação intelectual e administrativa da emissora.

Em 1968, o General Costa e Silva encerrou o caso, autorizando a continuidade de funcionamento da TV Globo, apesar de comprovada a operação ilícita. Aí começava uma relação estreita entre a Rede Globo e o poder militar (PORCELLO, 2008), constituindo-se como um veículo ligado a interesses econômicos e estatais brasileiros (ARBEX, 2003).

Os governos de Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, nos anos 70, solidificaram o comprometimento dos militares com a família de Roberto Marinho. Eles trabalhavam de forma silenciosa juntamente com dono da Globo. No governo de Figueiredo (1979-1985), para Lima (2001), a Globo funcionava como um verdadeiro “Ministério da Informação”, um “braço direito”¹ do governo da época.

No início dos anos 1970, a Globo inicia a busca da qualidade técnica de seus programas com o chamado “Padrão Globo de Qualidade”. Neste mesmo período, no final de 1971, o baixo nível dos programas transmitidos pela televisão levou o então governo a nomear uma comissão composta por representantes dos ministérios das Comunicações, Educação, Justiça e Trabalho, para estudar o conteúdo da televisão. Reconhecia-se que a televisão era um fator de desenvolvimento e um instrumento de integração social e econômica, e que a televisão não estava acompanhando os esforços do governo no setor eletrônico para “construir um Brasil grande, economicamente e culturalmente moderno” (MATTOS, 2002). No pronunciamento do Ministro das Comunicações, em dezembro de 1973, a Globo foi a única emissora de televisão que cumpriu até então as exigências do Governo Federal. (IDEM).

Com esta estrutura e força política, o seu principal telejornal, o Jornal Nacional, cresceu e tornou-se, pela sua qualidade técnica, líder de audiência. O JN “[...] tornou-se o grande

¹ Na época do governo de João Figueiredo, havia um programa chamado O Povo e o Presidente, que deveria ser fundamentalmente jornalístico, dando o mesmo espaço às diretrizes e intenções do governo e às reivindicações da sociedade.

porta-voz do governo militar e principal fonte de informação para os brasileiros. Não por acaso, desde o seu início, o telejornal situa-se entre duas telenovelas” (COSTA, 1980 apud KEHL, 1986; SIMÕES; KEHL, 1986). Tornou-se símbolo da “integração nacional”, sendo o primeiro telejornal veiculado em rede nacional.

Os anos de 1980 foram marcados pela consolidação da Globo como líder de audiência. A Globo tinha a seu favor suas praças e uma rede de afiliadas sólida e crescente (MATTOS, 2002)². Um fato significativo deste período mostra a influência da empresa na sociedade. Foi o debate entre Collor e Lula, em 1989, no segundo turno da primeira eleição presidencial de voto direto após 29 anos de ditadura. A emissora foi até acusada de favorecer Collor na edição do debate veiculado no Jornal Nacional no dia seguinte. Até uma ação chegou a ser movida pelo TSE, Tribunal Superior Eleitoral (MATTOS, 2002).

Com a regulamentação da TV a cabo, devido à aprovação da Lei 8.977, esperava-se que durante a década de 1990, a importância e influência hegemônica da TV convencional (TV aberta), diminuiria. Isso não ocorreu e nem abalou a audiência da Rede Globo (MATTOS, 2002).

Em 1998, começou o funcionamento no Brasil de seis operadoras de televisão por assinatura nos sistemas a cabo e MMDS (Serviço de Distribuição Multiponto Multicanal)³,

² Em 1982, a Rede Globo tinha seis emissoras, 36 afiliadas e cinco repetidoras, o que totalizava 47 emissoras que cobriam 3.505 dos 4.063 municípios brasileiros, ou seja, 93% da população e 99% dos 15,8 milhões de domicílios com TV no país (<http://www.tvglobo.globo.com>).

³ MMDS é o meio de transmissão de sinais denominado MULTI-CHANNEL MULTI-POINT DISTRIBUTION SYSTEM (MMDS) que se utiliza de faixa de microondas para transmitir os sinais recebidos para os assinantes na área de prestação de serviço. A PROGRAMADORA, que é a empresa responsável pela grade de programação dos diversos programas a serem veiculados, transmite o sinal desde seu UPLINK CENTER (local de onde partem os sinais da programadora) diretamente para o satélite. Por sua vez, o satélite emite este mesmo sinal para o HEADEND (local onde ficam os aparelhos de recepção e transmissão dos sinais para os assinantes) da OPERADORA. de uma antena, a programação ao assinante, que recebe através de uma antena de microondas. Após receber os sinais do satélite, os aparelhos situados no HEADEND processam, qualificam e modulam os sinais recebidos e enviam, através de uma antena, a programação ao assinante, que recebe através de uma antena de microondas. Toda e qualquer empresa que tenha sido constituída segundo as leis brasileiras, que tenha a sua sede e sua administração no País. Pessoas jurídicas que tenham pelo menos 51% do seu capital social, com direito a voto, pertencente direta ou indiretamente a brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 (dez) anos. Sociedade sediada no País, cujo controle pertença, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10(dez) anos, isoladas ou consorciadas. Para que se possa prestar o serviço de MMDS, a pessoa jurídica deverá participar de processo licitatório promovido pela ANATEL e ser declarada vencedora do mesmo. Para que seja publicado o Edital de Concorrência para exploração do serviço de MMDS, é necessário que a localidade de interesse esteja contida no planejamento para implantação dos Serviços de TV a Cabo e MMDS. Usa a faixa de 2,5 a 2,7 GHz e deve haver visada direta entre a antena transmissora e a receptora do assinante, ou seja, não pode haver nenhum obstáculo tais como morros, montanhas, vales e outros que impossibilitem a chegada do sinal até a antena receptora. Nessa faixa, tem capacidade para transmitir 31 canais analógicos a uma distância de 20 a 50 Km entre as antenas.

entre elas a Net das Organizações Globo. No ano seguinte, a Rede Globo anunciou a criação da TV Globo Internacional, com canal em português, visando os brasileiros no estrangeiro.

A Globo chegou aos anos 2000 ainda como a maior rede de televisão do Brasil. Segundo o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva, em sua publicação de 2017, a emissora reafirmou a liderança de audiência nacional em 2016 e foi o único canal que, sozinho, ultrapassou o conjunto de TV paga.

O único jornal de maior audiência na Rede Globo até hoje, o Jornal Nacional, Viseu, Porcello e Coutinho (2010) ressaltam que o seu cenário moderno e os seus recursos audiovisuais promovem a sensação de contato quase real entre os telespectadores e o fato relatado. Desde que foi inaugurado, é um jornal que se mostra atuante e que está sempre se renovando tanto em conteúdo como na sua própria estrutura.

O Jornal Nacional é o telejornal mais assistido pelos brasileiros (SECOM, 2014), o que dá um caráter de grande importância para este veículo midiático em termos políticos e sociais como construtor de discursos que são difundidos e recepcionados por milhões de brasileiros dia a dia. Por sua capacidade de audiência, o JN é o emissor principal das informações brasileiras. Encontra-se num lugar de protagonista na esfera da mídia brasileira.

Uma questão de Porto (2007, p. 15) propõe uma reflexão: “qual é a relação entre os principais programas da Rede Globo e o processo por meio do qual os cidadãos brasileiros fazem sentido de temas e eventos políticos?”. Porto também traz que muitos autores já demonstraram, nos seus estudos, o papel político ativo e a tendência de alinhamento da Rede Globo com grupos de poder, em especial, com o governo federal e cita Straubhaar (1981), entre outros. Assim, este trabalho ousa responder, no rastro desta pergunta, como a construção do discurso do JN apresenta o negro brasileiro, reiterando ou não o senso comum da sociedade.

2.3 - O Negro Brasileiro e o Telejornalismo

Este ano completam-se 130 anos da Abolição da Escravidão. Durante este tempo, percebe-se ainda que o racismo ou a discriminação racial ainda persiste, de uma forma velada ou não, na sociedade brasileira.

As estatísticas de cor ou raça produzidos pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior. Mesmo após 130 anos de abolição, a escravidão é uma marca histórica e na pós-abolição não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade.

Diante do que foi observado sobre a influência do discurso propagado pela mídia, particularmente a televisão, compreende-se a importância de olhar para essa temática nos espaços de comunicação para identificar se o discurso em relação ao negro continua a perpetuar ou não o preconceito racial.

Para Joel Rufino dos Santos (2005), o preconceito racial pode ser identificado como a superioridade racial do branco. Para explicar esta questão, em seu livro “O Que é Racismo”, Santos (2005, p. 10) traz a definição de Racismo do dicionário Petit Larousse: “s.m. Sistema que afirma a superioridade racial de um grupo sobre outros, pregando em particular, o confinamento dos inferiores numa parte do país (segregação racial)”. Ao afirmar que o racismo é um sistema, Santos explica que o dicionário quer dizer que é um conjunto de ideias e práticas, pessoais e coletivas, de pequeno e longo alcance. E ainda afirma que negros e brancos são apenas um conjunto de indivíduos que tem essas cores, “nada mais”.

Na maioria dos casos, segundo estudos de Santos (2005), o racismo aparece, de forma mais explícita, em momentos de competição. Na televisão, o futebol, por exemplo, é o caso mais típico de preconceito racial. É passado nos telejornais jogadores brasileiros que, tanto em clubes de futebol dentro quanto fora do país, são tratados pela torcida em campo de maneira ofensiva.

Ainda segundo o autor, em nosso país, os brancos sempre esperam que as minorias raciais cumpram corretamente os papéis que lhes passaram – no caso do negro, os mais comuns são artista e jogador de futebol. Se fracassam, lhes jogam na cara a suposta razão do fracasso: a cor da pele. Muitos negros, sobretudo da classe média, costumam hoje em dia dar o troco ao racismo dos brancos, assustando as pessoas que ainda creem numa “democracia racial brasileira”.

A história do telejornalismo nos mostra o negro como personagem marginal, como bandido, sempre exposto e humilhado. Enquanto protagonistas, fontes oficiais ou profissionais no campo jornalístico, o percentual é bem reduzido. O percentual de profissionais negros no telejornalismo do Bom Dia Brasil da Rede Globo, por exemplo, é de 2,49%, em contraste com outros 97,51% de brancos (SILVA e MORAES, 2015).

Os jornais noticiam, em média, dois casos de discriminação racial por mês; e dois casos de tortura por dia. Considerando que os jornais não apanham sequer um centésimo dos casos de fato ocorrido, nenhum brasileiro tem de se orgulhar desses aspectos. (SANTOS, 2005, p. 45).

Os movimentos negros e os estudiosos buscam e esperam, além de ícones que representem o povo negro brasileiro, que os meios de comunicação apresentem negros de forma igual. Silvia Ramos (2002, p. 9) analisa:

Nenhum processo cultural de superação do racismo, de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação não será realizado sem os jornais, a televisão, as artes e a música [...] a mídia tende a ter cada vez mais, na sociedade brasileira, um papel vital na construção de saídas capazes de reduzir a exclusão racial.

Bordenave (1982) afirma que a comunicação tem o poder de contribuir para a modificação dos significados que as pessoas atribuem a algo. Ele considera que é através desta transformação de significados que a comunicação desempenha um papel importante na mudança de crenças, valores e comportamentos e é por isso que esta ciência adquiriu a relevância que possui hoje. Parte desta afirmativa a preocupação dos grupos do movimento negro em inserir o negro nos meios de comunicação com uma imagem positiva, uma vez que, da identificação negativa que população afrodescendente aparece na telinha e nos jornais.

2.4 -A análise do discurso

Entende-se que o Jornal Nacional se apresenta como objeto cultural, inserido numa sociedade e determinado por formações ideológicas próprias: contexto social, histórico e cultural, carregando a visão de mundo de quem o produz; relacionando sujeitos e relacionando-se com a sociedade da qual faz parte e onde foi produzido (BARROS, 2002).

Para a análise aqui proposta, utilizaremos a Teoria Semiótica discursiva. Diana Barros (2002, p. 13) nos ensina que “a teoria semiótica caracteriza-se por [...] construir métodos e técnicas adequadas de análise [...]”, ou seja, apresenta um modo próprio de realização, concebendo que o sentido do discurso é construído a partir de um “percurso gerativo”. Assim, para analisar o conteúdo do telejornal, iremos seguir este modo de fazer semiótico, detendo-se no terceiro nível, o discursivo, para apreender os sentidos construídos, bem como a relação entre os sujeitos envolvidos.

Para tanto, primeiro é preciso entender a noção de “texto”, o objeto de estudo da semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 502-3), que “procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*”⁴.” (BARROS, 2000, p. 07). Segundo Barros, “o texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto

⁴ Grifo da autora.

de comunicação. Como objeto de significação, implica considerá-lo como um todo de sentido. E, como objeto de comunicação estabelece a interação entre dois sujeitos – o destinador e o destinatário.” (BARROS, 2000, p. 7)

Para tanto, propõe-se o estudo de 12 edições do Jornal Nacional, que vai de 16 a 28 de abril de 2018, período este escolhido de forma aleatória. Como dito, a pesquisa se detém no nível discursivo, o qual se dá o ato de produção do discurso, e é através das marcas deixadas pela enunciação no enunciado (produto da enunciação), que é possível identificar os sujeitos dessa enunciação (enunciador e enunciatário), através de suas projeções no discurso e as relações estabelecidas entre eles; suas formas de persuadir e fazer crer; perceber as diferentes vozes no enunciado que constituem o discurso; identificar os temas e as figuras, o espaço e o tempo que se dá na enunciação, de um modo geral, a forma de construção do discurso.

É ainda neste nível, o discursivo, que, particularmente através da análise da figurativização e da tematização, chegaremos a visão de mundo do destinador/enunciador, que é evidenciada por temas, que se mostram de forma abstrata nos textos, e são concretizados pelas figuras que, por sua vez, são objetos reconhecíveis do mundo natural, do senso comum. A partir daí, será possível identificar como a figura do negro é apresentada no telejornal e quais são os temas que o envolvem, observando os sentidos que emergem desta articulação.

Assim, o estudo aqui se propõe a análise discursiva do Jornal Nacional da Rede Globo, a partir da teoria semiótica discursiva, para identificar como o negro brasileiro é apresentado neste telejornal e o(s) sentido(s) construído(s) no texto e no seu discurso.

2. ENUNCIÇÃO DO JORNAL NACIONAL

Para dar-se início a análise do discurso do Jornal Nacional sobre o negro brasileiro, utilizou-se de 12 edições do telejornal, como indicado no capítulo anterior. A partir daqui, busca-se a significação textual, que no modelo semiótico proposto por Greimas se dá a partir de um percurso gerativo do sentido, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Os níveis que abarcam esse percurso gerativo são o fundamental, o narrativo e o discursivo. O sentido do texto é construído ao longo deste percurso por meio do estudo de procedimentos e formas como é organizado, bem como das estruturas que o compõem. O primeiro dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o fundamental que,

compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. (FIORIN, 1999, p. 4).

O segundo nível é o narrativo, no qual os valores fundamentais vão ser manifestados e concretizados por papéis narrativos desempenhados por sujeito e objeto, representado em um nível mais superficial; o terceiro e último, por coisas, pessoas ou animais (FIORIN, 1999, p. 22). É neste nível, o discursivo, que iremos nos deter neste trabalho.

As formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos (figuras) que lhe dão concretude (FIORIN, 2002). Sendo assim, nessa relação entre níveis narrativo e discursivo, quanto mais “profundo o nível, [...] mais simples são as unidades, assim como mais abstratas. Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20-21).

É ainda no nível do discurso, segundo Barros (2002), que estudamos as projeções da enunciação no enunciado e as relações entre enunciador e enunciatário. A enunciação configura como a instância de intercessão entre um patamar narrativo e um patamar discursivo, que assegura as estruturas semióticas em categorias realizadas sob a forma de discurso, no qual é possível identificar a manifestação da sua ideologia, a visão de mundo do discurso. Ou seja, no nosso caso, é possível estudar e observar qual é a visão de mundo apresentada no discurso do Jornal Nacional quanto ao negro brasileiro, nossa proposta neste trabalho.

12 edições do Jornal Nacional foram observadas, entre os dias 16 e 28 de abril de 2018, tendo em mente o problema da pesquisa: como o discurso deste telejornal apresenta o negro brasileiro. Descreveu-se o conteúdo e a expressão de todas as edições (fala, imagem, movimentos de câmera etc.).

O estudo começou pela instância enunciação. Segundo Courtés (1991), a enunciação é uma instância propriamente linguística ou, mais largamente, semiótica, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado, cujos traços e marcas são recuperadas nos discursos examinados. Sua efetivação depende do sincretismo de três categorias: pessoa, espaço e tempo (*ego hic et nunc*).

3.1 -PROJEÇÃO DA PESSOA

A enunciação é a instância de um eu, de um aqui, e de um agora, que se projetam no enunciado e é por meio das marcas da enunciação no enunciado que analisa-se o discurso. É importante, no entanto, distinguir duas instâncias no procedimento iniciativo: o eu, pressuposto e o eu projetado no interior do enunciado e, respectivamente, um tu pressuposto em um tu no interior do enunciado, já que cada “eu” corresponde um “tu”. Ou seja, quem fala sempre fala com alguém. Este “eu” e “tu” pressupostos, destinador e destinatário implícitos da enunciação, são denominados respectivamente de enunciador e enunciatário.

Estes sujeitos empíricos, sujeitos de carne e osso, enunciador e enunciatário, definem-se como sujeitos semióticos, seres de discurso que correspondem, na verdade, a funções textuais, a papéis, a posições de subjetividade construídas pelo próprio texto. “Podem ser definidos como as vozes construídas pelo próprio texto ou como instâncias que instituem, que substituem simbolicamente no texto seus atores e leitores reais” (FECHINE, 2008, p. 69).

É possível dizer que o enunciador e o enunciatário do Jornal Nacional são a Rede Globo e o público que assiste ao telejornal, respectivamente. Logo na abertura, identifica-se uma marca do enunciador Rede Globo, a logomarca JN, que é a sigla de Jornal Nacional, usada desde o seu início, há quase 50 anos – foi o primeiro telejornal em rede nacional – e pertence a grade de programação da Rede Globo, veiculado entre duas telenovelas, em horário nobre. Assim, é possível dizer que o enunciado Jornal Nacional tem como seu enunciador a Rede Globo.

Ao longo das décadas, houve mudanças gráficas da sigla JN, mas não comprometeram a identidade do jornal. Nas edições estudadas, o JN recebeu um tratamento gráfico mais brilhante e as letras ficaram um pouco menos arredondadas. Na abertura, identifica-se o enunciador a partir da sua logomarca, que é a sigla JN. Quando começa o jornal, mais

durante a escalada⁵, a sigla JN, em um azul brilhante, flutua em frente a um *mapa mundi* abstrato, também com o mesmo tom de azul.



Figura 5 Sigla do Jornal Nacional, o JN

Outra marca do enunciador Rede Globo no enunciado é vista durante a exibição das reportagens. O microfone traz o símbolo da Rede Globo em preto em um cubo branco. O objeto, que aparece em todas as reportagens, no momento em que o repórter está relatando o acontecimento; na passagem ou ao vivo, nas diversas situações, desde uma cobertura de uma fatalidade, ou em reportagem policial ou ainda em uma reportagem internacional. É muito mais que uma marca de presença, como também é uma forma de lembrar aos telespectadores que mais do que repórter, é um sinal que a Globo, por meio do JN, esteve no local do acontecimento, está presente no *mapa mundi*.



Figura 6 Felipe Santana em Nova York

⁵ Escalada é o termo usado no jornalismo de televisão para apresentar as manchetes das principais matérias que serão exibidas no telejornal.

Com a identificação da Rede Globo como enunciador do Jornal Nacional, entende-se que, o que é apresentado no enunciado JN, é construído para persuadir o público telespectador, o enunciatário, com quem o enunciador interage.

Para o enunciador, “eu”, falar com o seu “tu”, enunciatário, utiliza-se do mecanismo de delegação de vozes. Assim, a Rede Globo delega a voz do discurso ao narrador, actante (pessoa) do enunciado JN, produzindo uma debreagem⁶, que instaura o diálogo com o destinatário do narrador, o narratário.

O narrador do Jornal Nacional corresponde aos seus apresentadores. E o narratário é o seu público telespectador, sua audiência, identificado pelo olhar do apresentador (narrador) para a câmera enquanto fala, além do uso de vocativos como “você viu”, “você pode participar”, “você sabia”, “uma boa noite para você” etc. Além disso, é possível ver a participação do público, narratário, gravada em vídeos, ao vivo, falas gravadas por telefone ou imagens gravadas pela internet.

Quando o apresentador chama um repórter para entrada ao vivo ou uma matéria, instaura, naquele momento, o repórter como narratário. Na edição de 21 de abril, por exemplo, logo na chamada de abertura, o apresentador eventual⁷ Alexandre Garcia, olhando para a câmera, apresenta a notícia da prisão de um suspeito de homicídio: “A polícia de São Paulo prende por tráfico de drogas o homem é negro, acusado pela morte do enteado e ainda de ter escondido o corpo do menino no freezer”.

O narrador Alexandre Garcia fala com o público telespectador que, neste momento, é, ao mesmo tempo, enunciatário e narratário do discurso. Quando o repórter César Galvão fala na matéria, direto de São Paulo, assume a narração da reportagem, sendo instalado no enunciado o interlocutor. É a delegação de voz do enunciador ao narrador que, por sua vez, delegou ao interlocutor a voz do discurso; neste caso, o repórter César Galvão.

⁶ Debreagem é a operação momentânea da discursividade dos elementos fundadores (79).

⁷ O dia 21 de abril foi apresentado por Wiliam Boaventura de Moraes, o apresentador eventual Alexandre Garcia e Annemberg.



a para fora se si, no istas à constituição & Courtés, 1979, p.

ocasião da data, o ia. Por isso, ele foi apresentando Sandra

Figura 7 Alexandre Garcia, apresentador eventual

Ao interlocutor, corresponde um interlocutário. Aquele que fala é o interlocutor; aquele que ouve, o interlocutário. Na referida reportagem, o interlocutor repórter entrevista o oficial Brustolin da Polícia Militar, que está instalado no enunciado como interlocutário. O público também passa a ser interlocutário quando o repórter fala olhando para a câmera, para o público telespectador, e se utiliza de “você” ou de um “nós”, se incluindo no “eu” do discurso.

Na referida matéria, o repórter fala: “Na época Mzee Shabani foi indiciado pelo homicídio, mas a Justiça entendeu que ele não teve participação na morte do menino. Shabani foi indiciado pelo crime de ocultação de cadáver e recebeu o direito de aguardar o julgamento em liberdade”. O repórter fala de frente para câmera, olhando para o telespectador, em uma atitude séria, narrando o fato do personagem que foi indiciado pelo homicídio.



Figura 8 César Galvão, São Paulo

É a mesma situação da apresentadora Renata Vasconcelos, na edição do dia 19 de abril. Como narrador do discurso, Renata se levanta da bancada, caminha pelo estúdio e vai até onde se encontra a tela que exhibe a repórter Maju Coutinho, seu narratário. Renata pergunta os

destaques da previsão do tempo para o Brasil, delegando para Maju a voz do discurso, instalando-a como interlocutor.



Figura 5 Renata Vasconcellos e Maria Júlia Coutinho no bloco da previsão do tempo / Figura 6 Renata Vasconcellos se levanta e anuncia a previsão do tempo

Olhando para Renata, Maju responde: “Boa noite para você, Renata, pro Bonner e para todos”. Quando se diz “pra todos”, ela se vira e olha para a câmera e instala no discurso o público telespectador como interlocutário. Assim, a audiência do Jornal Nacional é reiterada, mais uma vez, como o “tu” do discurso enunciado, desta vez, por meio de uma superposição de papéis actanciais: enunciatário, narratário e interlocutário. O público telespectador é o “tu” da enunciação do Jornal Nacional. Com isso, observa-se a simulação de diálogo entre um “eu”, a Rede Globo, e um “tu”, o seu público. É a construção de um simulacro de interação no discurso da TV reiterado diversas vezes ao longo do telejornal.

A jornalista da previsão do tempo, Maju Coutinho, é uma mulher negra, que assume um papel importante ao ficar, mesmo que virtualmente, ao lado dos âncoras do telejornal. Ao ser enquadrada sozinha, Maju assume o “eu” do discurso, em seu papel actancial de interlocutor, que fala, olhando para a câmera, diretamente com o público telespectador. É uma mulher

negra delegada do enunciador, que assume a sua voz. No entanto, percebe-se que Maju foi a única jornalista negra que se apresenta diante das câmeras.

Além de Maju, observou-se que há 11 entrevistados negros e outras 64 pessoas que também são negras no telejornal. Em 50 minutos de veiculação, o Jornal Nacional exibe apenas 76 negros, que recebem a voz do discurso do enunciador Rede Globo em papel actancial de interlocutor, o “tu” do discurso. Proporcionalmente, é um número muito pequeno em relação aos brancos, que predominam no programa. A figura do negro brasileiro e os temas a que estão ligados no telejornal serão tratadas no próximo capítulo.

No discurso, o enunciador constrói o seu discurso para persuadir o enunciatário aos valores do discurso, exerce um fazer persuasivo. Por sua vez, o enunciatário exerce um fazer interpretativo e busca levá-lo a uma possível ação subsequente. Vale lembrar que estes fazeres se dão no e pelo discurso. Com a identificação da Rede Globo como enunciador do Jornal Nacional, entende-se que, o que é apresentado no enunciado JN, é construído para persuadir o público telespectador, o enunciatário, com quem o enunciador interage.

A partir dos papéis enunciativos dos apresentadores, é possível identificar que o “telejornal” é um modelo de fazer jornalismo na televisão aberta. Assim, o Jornal Nacional, exibido há anos na TV, contribuiu para formar este conjunto de elementos que criou o formato que se tem hoje de telejornal. (FECHINE, 2008)

No JN, as intervenções verbais são geralmente construídas em terceira pessoa, o que faz parte da linguagem jornalística. Por mais que o apresentador esteja tratando de um universo extralinguístico, ele nunca faz referência ao seu próprio papel, a si mesmo ou ao que ele representa, e raramente fala em nome da equipe do telejornal.

São poucas as circunstâncias nas quais se permite demonstrar uma valoração pessoal através de outros sistemas semióticos como o tom da voz, expressão facial, gestos com as mãos, mudança de posição do corpo, quando se dirige para as câmeras, ou ao se levantar para ter uma conversa com a apresentadora do tempo, Maria Júlia Coutinho, por exemplo.

Esta forma de fazer o telejornal, de construção do discurso jornalístico na televisão, reitera o discurso de “objetividade”, de não envolvimento, de distanciamento dos fatos, da não opinião. Reitera-se assim o padrão jornalístico de construção da verdade e da realidade; o discurso se apresenta como verdadeiro e real.

Além da linguagem verbal oral, a própria construção da linguagem televisual – enquadramentos, planos, movimentos de câmera etc. – constroem este efeito de sentido de objetividade, de distanciamento. O telespectador apenas “observa a realidade” que se passa diante dele. Esta questão será observada com mais atenção no próximo capítulo.

É observado também que o nome do telejornal é usado em vários momentos como um “ele”. Para Fiorin (1999), este recurso faz parte da construção discursiva que cria um efeito de sentido de identificação entre o actante do enunciado “ele”, o Jornal Nacional, e o “eu”, sujeito da enunciação, a Rede Globo. Assim, tem-se a identificação do JN com a Rede Globo, ou seja, o Jornal Nacional é a Rede Globo. Fiorin completa, afirmando que esta identificação, além do sujeito, pode se dar entre o tempo do enunciado e o tempo da enunciação, entre o espaço do enunciado e o espaço da enunciação.

Como exemplo, se tem a edição do dia 27 de abril quando, logo na escalada⁸, entre os assuntos que serão exibidos no JN, Rodrigo Boccardi, outro apresentador eventual, fala como no Rio de Janeiro as milícias se apropriam de áreas públicas para fazer loteamentos. Iniciada a exibição do jornal, logo após a vinheta de abertura, o apresentador usa a seguinte fala: “O Jornal Nacional dessa sexta-feira começa com uma reportagem que mostra como a maior milícia do Rio de Janeiro tem ampliado o domínio de áreas com a exploração criminosa de uma atividade nova”.

Até aqui, observou-se, pelas marcas da enunciação no enunciado, a projeção de pessoa, ou seja, foi possível identificar a voz do discurso e sua delegação de vozes a actantes presentes no enunciado. O simulacro de diálogo “eu-tu” é construída no JN para convencer o público telespectador a aderir ao discurso enunciado. Quanto ao acréscimo da identificação à figura do “negro brasileiro”, que é mais da metade da população brasileira, será tratado no próximo capítulo.

3.2 - PROJEÇÃO DO TEMPO

O tempo da enunciação, o “agora”, indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. O “agora” é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia (Benveniste, 1974, p. 74). Retomando o exemplo anterior do apresentador Alexandre Garcia, tem-se o tempo presente como o tempo da narração: “A polícia de São Paulo prende por tráfico de drogas...”. Então, o tempo presente instaurado no Jornal Nacional é o “agora” da enunciação.

Além disso, a própria transmissão direta do telejornal reitera o tempo do “agora” da enunciação. O que é transmitido ao vivo acontece no mesmo momento em que o telespectador assiste. Há a coincidência do tempo real com o tempo presente do telejornal, assim se tem o

⁸ Escalada no Telejornalismo são manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para aprender a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição

“agora” da enunciação no enunciado. Como diz Yvana Fechine (2006), “a escolha pelo tempo real cria a ideia de presença do telejornal que é fundamental para que ele se legitime perante a audiência como autêntico”.

Reportagens gravadas, entrevistas no estúdio, entradas ao vivo, gráficos, material de arquivo, organizam-se em função desse enunciado englobante, o telejornal, justamente porque estão inseridos, e são articulados entre si, numa mesma temporalidade (do tempo presente e do real) definida pelo início e pelo fim do programa (FECHINE, 2008).

Vejamos um exemplo da previsão do tempo da edição do dia 20.

Renata Vasconcellos diz: “Vamos para a previsão do tempo para todo o país com a Maju Coutinho. Maju, boa noite. Ontem você destacou a chuva em Salvador e ela veio forte, hein?”. Com o enquadramento apenas em Maju ao lado de gráficos e mapas, ela faz sua apresentação.



Figura 7 As informações da previsão do tempo com Maju Coutinho

O “ao vivo”, em sua simultaneidade do tempo presente e do tempo real, reitera o efeito de sentido de realidade, que leva a produção do sentido de credibilidade do telejornal. Além disso, o Jornal Nacional, ainda seguindo os conceitos de (FECHINE 2008, p. 152), cria o efeito de sentido de “estar acontecendo”, que se faz enquanto se exhibe, na duração estabelecida, no “agora” dos apresentadores.

Um exemplo significativo do “ao vivo” é a previsão do tempo, como já mencionado, com a jornalista Maria Júlia Coutinho. Com um resumo do clima e previsão meteorológica, apresenta como será o tempo para os próximos dias.

Assim, no caso em questão, identifica-se que o tempo da enunciação está projetado no enunciado Jornal Nacional por meio do “agora” dos apresentadores. Este efeito de sentido é criado pela transmissão direta, do “ao vivo”: a simultaneidade do que se vê na tela e o tempo real do telespectador reiteram, além do efeito de sentido de realidade, o de verdade. O que se vê no telejornal é o que está acontecendo “agora”, “real e verdadeiro”.

Deste modo, a credibilidade jornalística na televisão é construída pelo “ao vivo”, o “agora” da enunciação que coincide com o “agora” do telespectador. Esta construção discursiva se torna estratégia do enunciador para convencer seu enunciatário à verdade e realidade do discurso. Por isso, as entradas ao vivo são muito valorizadas e ganharam mais tempo de duração com o passar dos anos.

3.3 -PROJEÇÃO DO ESPAÇO

Para analisar a projeção do espaço da enunciação no enunciado, Fiorin (1999) nos explica que há dois tipos de espaço: o linguístico e o tópico. “O espaço linguístico é do “eu” da enunciação, mas, quando falo, meu interlocutor aceita-o como seu” (FIORIN, 1999, p. 263). Um “aqui” é o lugar de onde alguém fala. Logo, é preciso saber onde se dá a enunciação para que ela possa ser partilhada. Todos os objetos são localizados a partir daquele “eu” que o situa; se coloca como centro e ponto de referência da localização.

“O segundo espaço, o tópico, marca a emergência da descontinuidade na continuidade” (FIORIN, 1999, p. 262). Ou seja, o espaço tópico é determinado quer em relação ao enunciador, quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado.

Jornal Nacional, observa-se, logo no seu início, movimentos de câmeras que constroem o espaço tópico, o espaço no enunciado. Em um grande plano geral, num ângulo superior, mostrando todo o estúdio, a câmera faz um movimento de rotação em si mesmo, como se estivesse voando, com os apresentadores ao meio. Há diversos fios azuis finos suspensos que vão em várias direções ligando os espaços do estúdio. Isso faz com que haja uma supervalorização ao estúdio, que é construído como o espaço tópico. É a partir dele que se estabelece a relação com todos os outros “espaços” presentes no enunciado.



/

Figura 8 Movimento de rotação da câmera antes de iniciar o Jornal Nacional / Figura 9 Fios imaginários / Figura 10 Abertura do Jornal Nacional

Na parte visual, por exemplo, o que identifica o telejornal é o composto em sua maioria em tons de azul. O tom é usado para compor a vinheta de abertura, além de ser predominante na composição do estúdio e também aparecem nas reportagens quando elas demandam telas especiais ou créditos, que é um texto complementar que aparece sobre a imagem, geralmente para identificar o nome de um entrevistado.

O *mapa mundi*, por ser azul, remete ao planeta Terra. Os fios finos imaginários que aparecem quando o jornal começa também ligam o *mapa mundi* que fica logo atrás dos apresentadores juntamente com a logomarca JN. Essa ligação traz para dentro do estúdio, o espaço tópico, o Brasil e o mundo. Logo, o aqui da enunciação, é o espaço do enunciador e é projetado no enunciado do JN.

No caso da cenografia do JN, podemos reconhecer com maior clareza os logotipos como signos capazes de gerar uma interpretação imediata do significado do Jornal Nacional para quem o assiste e o que ele representa para o povo brasileiro de maneira geral. O JN no

cenário é um símbolo que representa o Jornal Nacional. Da mesma forma esse símbolo comporta o *mapa mundi* e o globo terrestre que hoje, apesar de estar sendo representado de um modo não tão formal, ainda é um símbolo do programa. A sigla JN e o *mapa mundi*, ambos, tem potencialidade que permitem mostrar a tradição e a cobertura do programa.

O Jornal Nacional também se constrói em vários lugares do mundo: Nova York (EUA), Whashington (EUA), Los Angeles (EUA), Buenos Aires (Argentina), Londres (Reino Unido), Paris (França), Madri (Espanha), Roma (Itália), Veneza (Itália), Berlim (Alemanha), Zurique (Suíça), Israel, Hong Kong (China), Pequim (China), Tóquio (Japão). Em relação ao Brasil, o Jornal Nacional é transmitido para todas as regiões através de canais de redes afiliadas.



Figura 11 Tiago Eltz, Nova York / Figura 12 Luís Fernando Silva Pinto, Whashington / Figura 13 Cassiano Rolim, Palmas, Tocantins, Brasil / Figura 14 Marcelo Rocha, Curitiba, Paraná, Brasil

Por sua vez, o espaço que Maju se refere, num lá, também é aproximado para o aqui, estúdio; o mesmo aqui da enunciação.

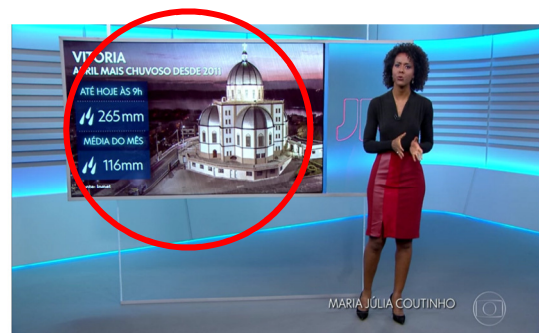


Figura 15 Maju Coutinho dá a previsão do tempo/ Figura 16 em diversas localidades do Brasil

Abaixo observam-se também outros espaços que são aproximados, trazidos para o “aqui” do enunciado. Os repórteres César Galvão, em São Paulo, e Felipe Santana, em Nova York, também fazem parte do “aqui” do enunciado. As matérias que realizam nestes lugares estão englobadas no telejornal, como dito antes, a partir da projeção do tempo. Assim, pode-se dizer também os lugares onde estão são englobados no “aqui” do enunciado, que coincide com o “aqui” da enunciação.



Figura 17 César Galvão, São Paulo / Figura 18 Felipe Santana, Nova York

As imagens acima conceituam o espaço de enunciação, tal como prático, e representa um lugar, um aqui, sendo algo central para quem o ver. A partir disso, é possível pensar o funcionamento das línguas e na sua relação constitutiva entre o jornal e os telespectadores. Em outras palavras, são espaços habitados por sujeitos que falam diretamente como público, e este ao ver os sujeitos que falam constituem um espaço de enunciação.

Quando a narrativa se ocupa de espaço, ela não se interessa tanto em produzir uma sintaxe espacial, mas criar uma ambientação como Osman Lins chamava. Ele define como “o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar na narrativa a noção de um determinado ambiente” (LINS, 1976, p. 77 apud FIORIN, 1999, p. 259). Logo, a ambientação é da ordem da semântica da espacialidade.

O espaço está conceituado em dois tipos: linguístico e tópico. O primeiro ordena-se a partir do lugar do “eu” da enunciação. Todos os objetos são localizados a partir daquele “eu” que o situa; se coloca como centro e ponto de referência da localização. A segunda marca a emergência da descontinuidade na continuidade (FIORIN, 1999, p. 262). Ou seja, o espaço

tópico é determinado quer em relação ao enunciador, por exemplo, “à minha esquerda”, “atrás de mim”, quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado, por exemplo, “na frente da igreja”, “ao lado da estátua”.

O espaço linguístico é do eu, mas, quando falo, meu interlocutor aceita-o como seu (FIORIN, 1999). Um aqui é o lugar de onde alguém fala. Logo, é preciso saber onde se dá a enunciação para que ela possa ser partilhada.

Ainda no espaço, esta é fundamental para referenciar as ações espacialmente falando, mas dentro do contexto social. Sua relação com o narrador é de interioridade x exterioridade, fechamento x abertura e fixidez x mobilidade.

Há uma certa tradição de “objetividade” no jornalismo que permitem fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação, de todo modo, está lá, filtrando por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso. O principal procedimento é o de produzir o discurso em terceira pessoa, no tempo do então e no espaço do lá. (BARROS, 2011, p. 55).

Com as interações dos receptores provocadas pelas novas tecnologias, as mídias tiveram que se adaptar e formar novos vínculos com o seu público. Isso gera novas condições de produção do discurso jornalístico como autorreferencialidade e protagonização dos seus atores sociais. (CHARRAUDEAU, 2007 p. 101).

3. TEMAS E FIGURAS NO JORNAL NACIONAL

Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação da tematização e figurativização desses percursos são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade e de verdade.

“Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (BARROS, 2011, p. 66). Dois aspectos, ao menos, precisam ser considerados no exame dos procedimentos de tematização: a organização dos percursos temáticos, em função da estrutura narrativa, subjacente, e as relações entre tematização e figurativização. Os percursos temáticos resultam, pela definição proposta, da formulação abstrata dos valores narrativos. “A recorrência de um tema no discurso depende, assim, da conversão dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos” (BARROS, 2011, p. 70).

A figurativização, partindo de uma abstração temática para uma concretização, cria efeito de sentido de realidade, pois constrói uma imagem do real e assim representa o mundo. Portanto, é preciso descobrir o tema subjacente às figuras para que elas tenham sentido, uma vez que são a concretização de um tema (COURTÉS, 1991)

4.1 - Analisando o Jornal Nacional

Começaremos a analisar dos temas e das figuras pelo início do Jornal Nacional, a começar pelo movimento de câmeras. Em um plano bem geral, num ângulo superior, a câmera faz um movimento circular, no qual os apresentadores estão no centro. Por trás deles, encontramos um *mapa mundi* em azul brilhante, o mesmo azul dos fios que flutuam no ar se encontram ali, construindo o *mapa mundi*. Podemos dizer que este movimento de câmera remete ao movimento de translação da terra. Cria-se um efeito de um observador, o telespectador, que, puxados pelos fios azul, voa pelo estúdio até encontrar os apresentadores, o centro do JN. Isso dá uma supervalorização ao estúdio e a seus apresentadores. É uma forma de trazer pra dentro do próprio jornal o telespectador na hora em que vai começar o jornal, convocá-lo para o discurso que irá começar.

Nesse início, observamos uma recorrência da cor azul: os fios, o *mapa mundi*, a logomarca do telejornal. Este azul nos remete a como a terra e o mundo é retratado em mais

diferentes meios. O grande giro do movimento de câmera nos remete também ao planeta terra, que “flutua” no ar e movimenta-se em torno do sol. Assim, temos os assuntos do mundo que serão tratados de modo importante pelos apresentadores, porque são o centro do telejornal. Assim, pela sua recorrência cotidiana, para quem ver essas marcas, as identifica como algo que simboliza o próprio jornal.



Figura 19 Imagens do movimento de câmera no início do Jornal Nacional

Como diz Fiorin (1999, p. 64), “podem-se revestir os esquemas narrativos abstratos com temas e produzir um discurso não figurativo ou podem-se, depois de recobrir os elementos narrativos com temas, concretizá-los ainda mais, revestindo-os com figuras”. Assim, “tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido” (FIORIN, 1999, p. 64). No caso em questão, a concretização é em algo grau devido ao sincretismo de linguagens próprio da televisão.

Outro exemplo da concretização de tema, que se repete em todas as edições, é a composição de uma imagem ao fundo do apresentador durante o anúncio de uma reportagem. Esse anúncio, no jargão jornalístico, é chamado de “cabeça de matéria”. Por exemplo, quando se anuncia futebol, tem sua representação imagética, como a de um jogador por trás do apresentador. No caso de notícias internacionais, a bandeira do país. Essa relação é importante porque mostra que as formas de expressão, que compõe a linguagem televisiva, concretizam reiteradamente do tema: o assunto internacional é evidenciado por meio da bandeira, da fala, das imagens que irão ser apresentadas na reportagem.



Figura 20 William Bonner apresentando uma notícia internacional

Outra observação significativa no discurso do JN é a apresentadora Maju Coutinho. O telejornal valoriza a mulher negra (Maju) por dar a ela a voz do discurso. No entanto, o que ela apresenta é a previsão do tempo. Temas ligados à política ou economia não são tratados por ela. Assim, há uma valorização da mulher negra pelo JN, mas não para assuntos relevantes da sociedade.



Figura 21 Maria Júlia Coutinho na Previsão

Para dar continuidade, escolhemos algumas reportagens consideradas relevantes quanto a temática que são figurativizadas pelo negro brasileiro, o ponto central do presente trabalho. Assim, seguiremos nossas análises.

4.2 - Análises de reportagens

4.2.1 - Análise 1

Vejam agora uma reportagem da edição do Jornal Nacional de 17 de abril sobre a morte do economista Paul Singer. William Bonner diz: “Morreu ontem em São Paulo, aos 68 anos, o economista Paul Singer. Ele sofria de Alzheimer e morreu de infecção generalizada”.

Logo em seguida, entra a reportagem. O repórter Wallace Lara entrevista algumas pessoas como a filha do economista, um amigo filósofo, um filho do economista e um professor universitário. Entrevista também Eduardo Ferreira, representante do Movimento

Nacional de Catadores, movimento que Paul Singer participava. Aliás, Paul Singer fazia estudos voltados a Economia Solidária.

Eduardo Ferreira de Paula é um homem negro. Veja a sua fala: “Ele recebia nós com todo prazer, sem frescura, sem nada. Que nós escutava ele, fazia sua palestra para vários catadores”.



Figura 22: À esquerda, o economista Paul Singer; à direita, Eduardo Ferreira de Paula, representante do Movimento de Catadores

Enquanto o repórter narra em off (sem a imagem do mesmo) sobre as formações e estudos do economista, são exibidas imagens dele em atividades e palestras. A reportagem termina com a voz de Paul Singer fazendo uma de suas citações. A última imagem fica no economista e, no canto inferior direito da tela, as datas de nascimento e morte do economista. A imagem agora volta para os apresentadores que dão sequência a outro assunto.

Esta reportagem traz alguns temas relevantes na construção do discurso do JN em torno do negro brasileiro, figurativizada pelo catador Eduardo Ferreira de Paula. Observamos a temática de uma economia “solidária”, que também é figurativizada pelo catador. Não se fala de investimentos ou bolsa de valores, mas de solidariedade ao pobre, que na reportagem é negro. Temos aqui a figura do negro brasileiro ligado ao tema de uma economia voltada ao “pobre” e “negro”

Outro ponto que nos chama atenção é a formação acadêmica dos entrevistados, todos com curso superior (filósofo, professor universitário etc.), com o uso de um português correto, além de serem brancos. O único sem formação e com o uso incorreto da língua é o catador Eduardo. Negro e pobre, ele precisa de apoio de um profissional de formação superior, que olhe para ele com solidariedade e repense a economia para inclui-lo na dinâmica de nossa sociedade capitalista. Eduardo Ferreira de Paula, como trazem os créditos, é “representante do Movimento de Catadores”, ou seja, a figura dele figurativização também um grupo de pessoas

que se encontra nas mesmas circunstâncias: negros, pobres, que falam “errado” e precisam de “solidariedade” para serem cidadãos, incluídos na sociedade.

Para convencer o enunciário do que é apresentado no telejornal, são construídos no discurso efeito de sentido de realidade. Como conceitua Barros (2011), os efeitos de realidade resultam da iconização do discurso. Na iconização, o enunciador utiliza de figuras do discurso, como o entrevistado Eduardo Ferreira de Paula, para levar ao enunciário a reconhecer, nas imagens de mundo, e acreditar na verdade do discurso, a partir das figuras de mundo.

Essa concretização do discurso se dá pelo uso das figuras de mundo. De maneira explicativa e baseada nos estudos de Barros, é a construção do sentido que se materializa em relação ao economista que morreu, Paulo Singer: sujeito do mundo real, reconhecido por muitos pelo seu trabalho e estudos desenvolvidos ao longo de sua carreira. Evidencia-se isso pelas entrevistas com familiares e conhecidos e pelo catador Eduardo Ferreira de Paula, que também fez parte da vida e da “solidariedade” do economista. Além disso, Eduardo nos remete a categoria “profissional” de catadores de material reciclado tão comum em grandes cidades. Remete a pessoas, normalmente, pobres, que caminham pelas ruas, puxando suas carroças e catando latas, papelão, plástico.

Nesta reportagem, a figura do negro brasileiro está ligada a temática do pobre, sem formação escolar, que fala errado, que precisa de solidariedade para entrar na dinâmica econômica social.

4.2.2 - Análise 2

Ainda na edição de 17 de abril, foi exibida matéria sobre o enterro da sambista Dona Ivone Lara. Veja na fala da apresentadora Renata Vasconcellos: “Foi enterrada hoje no Rio o corpo de Dona Ivone Lara. A grande Dama da Noite morreu ontem à noite aos 97 anos”.



Figura 23 Sambista Yvone Lara / Cantora Alcione / Cantor Martinho da Vila

Logo em seguida ouve-se a narração do repórter Danilo Vieira com a exibição de imagens do enterro. Ouve-se também música acompanhada de imagens da sambista, com a seguinte narrativa de Vieira: “Hoje as portas imperiana se abriram para ver a Dama passar pela última vez. Amigos, parentes, fãs, companheiros de carnaval. Se velório de sambista é gurufim, esta também virou um reboço.”⁹

Em entrevista ao repórter, a cantora Alcione fala: “Ela era a matriarca do samba, nossa mãe. Mãe do samba. Que ela descanse em paz, que trabalhou muito, fez muito pela nossa música”. Também, o cantor Martinho da Vila fala sobre a sambista: “Ela deixa um legado musical muito grande, fica até composições dela que são inéditas e continuarão. Dona Yvone Lara vai ficar viva e ficar viva pra sempre”.

Podemos apontar alguns temas que são figurativizados pelos negros presentes nesta reportagem, o samba é um deles. Como sabemos, o samba foi uma forma de resistência dos negros marginalizados pela sociedade. As músicas eram compostas e cantadas pelos negros na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, o samba é reconhecidamente patrimônio da cultura brasileira, valorizado como música e conhecido no mundo todo como pertencente ao Brasil. Ainda hoje o samba é mantido vivo pelas comunidades periféricas do Rio, mesmo ganhando apoio da indústria cultural, principalmente, em época de carnaval.

Os negros presentes nesta reportagem estão ligados ao samba, cantores e compositores reconhecidos nacionalmente. De origem pobre, viveram na periferia, a margem da sociedade e, pelo samba, conquistaram relevância na sociedade e na cultura popular brasileira. Aqui temos o negro brasileiro figurativizado no universo do samba: periférico, à margem da sociedade, sem necessidade de formação acadêmica. O negro é reconhecido pelo talento na música popular, não pela sua formação acadêmica, desenvolvimento intelectual ou estudos avançados, origem de famílias nobres ou desempenho profissional.

Mais uma vez, o negro brasileiro está à margem da sociedade. Não estão ligados a temas considerados relevantes ou influentes, como política ou economia, áreas que, pelo senso comum, decidem os rumos da sociedade de um modo geral. O negro aqui figurativiza a diversão, a cultura popular, a música da periferia.

⁹ Gurufim diz respeito as comunidades negras, brincadeira feita em velório a fim de desgravar a sua atmosfera. Diz do velório popular em que há música, dança, canto, em homenagem ao morto. Reboço diz-se da construção feita com argamassa de cal, ou de cimento, e areia, que se aplica a uma parede, depois de esta emboçada, para lhe proporcionar uma superfície lisa e uniforme, apta a receber pintura ou outro material de revestimento.

Mais uma vez, temos a construção do efeito de sentido de realidade: a sambista famosa e reconhecida e seus amigos cantores também de renome nacional. São pessoas relevantes na sociedade e na cultura popular brasileira

4.2.3-Análise 3

Na edição de 21 de abril, por exemplo, logo na chamada de abertura do JN, o apresentador Alexandre Garcia traz uma notícia voltada a área policial e mostra imagens também. O jornalista fala da prisão de um homem (na imagem, é um homem negro) que estava sendo preso por ter matado o enteado a três anos atrás (2015). Logo em seguida abre-se a tela para a reportagem, onde mostra a foto de um homem negro e imagens da câmera de segurança do prédio onde ele morava no dia do crime, carregando um freezer.



Figura 24 Suspeito de crime Mzee Shabani

“O investimento figurativo goza de uma certa autonomia e ocupa dimensões do discurso” (BARROS, 2011, p 71). Nessa reportagem, o investimento figurativo se dá nos temas ligados a violência e crime. É a figura de um homem negro, Mzee Shabani, que é suspeito de homicídio. Ele é mostrado com as mãos para trás, como se estivesse algemado.

4.2.4 - Análise 4

Nas edições estudadas, um assunto esteve presente por vários dias no Jornal Nacional: uma operação da polícia de combate as milícias do Rio de Janeiro. Para entender o caso, essa operação foi desencadeada na manhã do sábado 7 de abril de 2018, que prendeu, inicialmente, 142 pessoas e apreendeu sete menores suspeitos de integrar grupos criminosos que atuam na zona oeste do Rio. Os detidos estavam numa festa em um sítio em Santa Cruz, onde a polícia encontrou diversos objetos como carros importados, fuzis, granadas e até roupas militares. De acordo com as investigações, o sítio era usado como um quartel general da milícia, de onde os

grupos saíam para agir em outros bairros da zona oeste da cidade. Com a chegada dos agentes, houve muito tiroteio e quatro “criminosos” morreram no confronto. Posteriormente, a polícia informou que foram presos 153 suspeitos, não mais 142, e todos foram para a Cidade da Polícia.

Vejam a edição do dia 20 de abril. Na matéria sobre esta operação, a repórter Lília Teles informa que, dos 159 indiciados (presos desde 7 de abril), apenas um teve a prisão revogada. Era um artista de um circo internacional da Suécia, que foi solto. Vejam a fala da repórter: “Depois de 13 dias de angústia, a família foi esperar Pablo Martins na porta de presídio de Bangu. O artista de circo de 23 anos estava entre os 159 presos no dia 7 de abril, durante um show na zona oeste”. E ainda disse: “A polícia fez uma operação contra milicianos e apreendeu 24 armas. O inquérito afirma que todos presos tinham envolvimento com o crime”. Todos os envolvidos no caso são homens negros e moram na periferia da cidade da cidade.



Figura 25 Presos da operação contra milícias / Pablo Martins, primeira pessoa a ser solta na operação contra milícias

Em continuação sobre operação contra milícias, vemos na edição de 23 de abril, na entrada do segundo bloco, Renata Vasconcellos dando a seguinte informação: “A Defensoria Pública do Rio está tentando a revogação da prisão de 40 pessoas, das 159 que foram detidas numa operação contra milícia, há pouco mais de duas semanas. Um dos presos deve passar por avaliação psicológica nos próximos dias”.

Durante a reportagem, várias pessoas são entrevistadas afirmando a inocência de seus parentes detidos. A senhora Elza Silva do Vale, uma mulher negra, disse que havia emprestado dinheiro para o filho, Thiago Silva do Vale, de 33 anos, para ir a um show de pagode. Ele é garçom, mas estava desempregado. Em sua fala, ela diz: “meu filho sempre foi

trabalhador. A carteira de trabalho dele está aqui. Ele tem uma filha de 13 anos que precisa dele. Eu jamais colocaria a minha cara aqui a tapa se meu filho não fosse inocente”.

São narrados pela repórter Bette Lucchese outras histórias de declaração de inocência de alguns homens presos neste caso. A mãe de Filipi Oliveira de Souza, de 18 anos, barbeiro, Ana Paula, fala: “nossa vida parou. A gente sabe da índole do nosso filho. A gente criou. Então assim, a gente quer justiça, eu só peço justiça. Porque ele é um menino muito bom”.

Há mais uma outra história de declaração de inocência. É o caso de Renato da Silva Moraes Júnior, que mora com os pais e trabalha informalmente em um mercadinho. Tem 23 anos e problemas mentais, como dificuldade de compreensão de linguagem. “Eu amo meu filho. Sinto muita falta dele. Todo mundo sente. Quando eu passo na rua, perguntam por ele”, desabafa Renato da Silva, pai de Renato.



Figura 26 Elza Silva do Vale, mãe de Thiago Silva do Vale / Ana Paula, mãe de Filipi Oliveira / Renato da Silva Moraes, pai de Renato da Silva Moraes Júnior

No dia seguinte, 24, a notícia vem logo no início com William Bonner: “O Ministério Público do Rio de Janeiro pediu hoje a Justiça que solte 137 dos 159 detidos numa operação ao combate de milícias no início do mês”. Logo em seguida entra a reportagem com uma sequência de imagens de duas mulheres pedindo justiça pelos seus parentes que foram presos.

Fig
ura
27
Pri
mei
ra



mulher vista na matéria / Segunda mulher vista na matéria

Assim que terminada a reportagem, a imagem volta para o apresentador William Bonner que fala: “A Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Civil do Rio de Janeiro não responderam ao nosso pedido de entrevista e de informações sobre o caso”.

A reportagem traz, mais uma vez, declarações de parente dos presos sua alegando inocência. A repórter Lília Teles entrevista Ironilda de Melo, esposa de Vinícius Santos Araújo, um dos presos: “Tudo o que você possa imaginar a gente já anexou ao processo dele, comprovando que ele é um trabalhador. Ele não tem ficha, ele não tem passagem pela polícia, ele é um trabalhador”.

Além de Ironilda, Teles conversa com Alessandra Silva Júlio, prima de Rafael da Silva Júlio, que diz: “A gente tem informação do advogado que ele está entrando em depressão lá dentro, chora o tempo todo. Pede para o advogado ‘me tira daqui, eu não fiz nada’”. Por último, Adriana Cunha Max, mãe de Felipe Matheus Cunha da Cruz, fala: “A gente não sabe se eles vão permanecer no emprego, se vão ficar desempregados. É uma injustiça. O que eles estão fazendo é uma injustiça”.



Figura 28 Ironilda de Melo, mulher de Vinícius Santos Araújo / Alessandra da Silva Júlio, prima de Rafael da Silva Júlio / Adriana Cunha, mãe de Felipe Matheus Cunha da Cruz

Na edição do dia 25 de abril, a notícia foi citada na segunda manchete, ainda na chamada de abertura. Ainda no primeiro bloco, o apresentador do Jornal Nacional Rodrigo Boccardi faz a seguinte fala: “A Justiça do Rio revogou hoje a prisão de 137 homens foram detidos numa festa de milicianos no início do mês. Outros vão permanecer presos, e mais cedo, a polícia fez uma nova operação de combate a milícia e prendeu 18 pessoas”. Em

seguida, entra reportagem exibindo imagens de um grupo de pessoas, incluindo pessoas negras, fazendo oração em frente ao Fórum da cidade.



Figura 29 Pessoas em oração

Vejamos a chamada para a reportagem do dia seguinte, 26 de abril, que foi feita por Renata Vasconcellos: “50 homens que tinham sido presos numa operação contra milícias no Rio de Janeiro deixaram hoje a cadeia. Outros 87 suspeitos também vão ser soltos e beneficiados por uma decisão da Justiça. O Ministério Público avaliou que não tinha provas para manter as prisões”.

O repórter Paulo Renato Soares traz a liberação dos presidiários: “A cada liberação, uma comemoração do lado de fora do presídio”. “Liberdade, liberdade”, disse um dos homens liberados e sobre o que estava sentindo ao sair e se encontrar com a sua família: Em outra entrevista, um outro preso liberado disse: “Fui curtir um pagode e aconteceu isso tudo. Não sei como vai ser aqui fora, como vai ser o processo, mas segue a vida”.

Figura 30
Imagens de pessoas



sendo libertadas da operação contra milícias

Passados 19 dias, desde essa edição, havia imagens de pessoas em um reencontro emocionado de quem estava preso e de quem esperou esse tempo todo fora do presídio. “Não

tem palavras, eu só quero chegar em casa e abraçar meu filho, só isso, continuar. Chega, chega, chega”, disse a mãe de um dos libertados.

Vimos a narração do repórter atrelada ao que os personagens estavam sentindo, sendo reiterada com as imagens exibidas e pelas entrevistas. Logo, os percursos temáticos e figurativos mantêm entre si relações diversas (BARROS, 2011, p. 74).

Na edição do dia 27 de abril, a repórter Flávia Jannuzzi relata que as famílias faziam vigília na porta do complexo de Bangu para esperar a saída de outros 23 presos. O Ministério Público disse que, no momento, não havia provas contra eles. A polícia informou que iria continuar investigando o grupo. A Justiça manteve a prisão de 21 suspeitos que fariam parte da maior milícia do Rio.



Figura 31 Vigília na porta do Complexo de Bangu, Rio de Janeiro

O que vemos nesta sequência de matérias é a predominância de um tema: a injustiça. Quando se estabelece uma relação entre temas e figuras, há um processo de simbolização. Nele estabelece-se para uma dada figura uma determinada interpretação temática. “O símbolo pode então ser definido como uma figura cuja interpretação seja fixa” (FORIN, 1999). Portanto, as imagens da reportagem nos evidenciam o que foi narrado pelo apresentador e as figuras concretizam o que foi dito.

Temos, então, o tema da injustiça reiterado em todas as matérias pela narração dos apresentadores e repórteres manifestado e figurativizado pelas imagens: os homens foram presos sem provas; as manifestações dos parentes em frente ao presídio e Fórum com oração; as declarações de inocência dos presos feitas pelos seus parentes; os documentos de identificação, como a carteira de trabalho, exibidos por mães dos presos para comprovar

inocência; a Justiça manda liberar os presos por falta de provas etc. E a principal relação é a concretização deste tema por meio da figura do negro brasileiro.

4.2.5 - Análise 5

Na edição do dia 24 de abril, em sequência a matéria sobre os presos na operação em combate as milícias, a apresentadora Renata Vasconcellos trata de um outro assunto envolvendo crime. Vejamos: “A Divisão de Homicídios do Rio está investigando novas provas dos assassinatos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes. Peritos do Instituto de criminalística Carlos Ebole encontraram mais fragmentos de projéteis no carro onde eles estavam. Essa nova perícia foi feita 41 dias depois do crime. A análise do material pode determinar se os assassinos usaram mais de uma arma. A investigação ainda continua sobre sigilo”. Nessa fala de Vasconcellos, são exibidas imagens do carro das vítimas assassinadas e de homens (peritos) avaliando o veículo.



Figura 32 Renata Vasconcellos fala do caso Marielle / Imagens da perícia feita no carro

Mais uma vez, temos uma figura de uma pessoa negra ligada ao tema de crime e violência. Marielle é uma mulher negra, de origem pobre, que foi moradora da periferia, alcançou relevância social com suas conquistas de formação acadêmica, chegando a atingir um cargo político de importância e influência na sociedade. No entanto, ela é assassinada. A relação entre o tema de crime e a figura do negro é mais uma vez manifestada no discurso.

Marielle Franco foi uma socióloga, militante, negra, criada na Favela da Maré no Rio de Janeiro, que galgou sua carreira a partir da participação em um projeto social desenvolvido no local onde morava. Foi presidente da Comissão da Mulher da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Foi eleita pelo PSOL em 2016. No dia 14 de março de 2018, foi assassinada em um atentado ao carro onde estava juntamente com seu motorista Anderson Gomes.

4.3 - Isotopia temática relacionada a figura do negro brasileiro

De acordo com temas e figuras tratados no decorrer deste capítulo, é observado um outro fenômeno, a isotopia. Segundo Fiorin (1999, p. 81), a isotopia garante a coerência semântica dos textos, “o que faz dele uma unidade é a reiteração, a repetição, a redundância, a recorrência temática ao longo do discurso”. O conceito de isotopia é importante para análise do discurso, pois permite determinar o(s) plano(s) de leitura de textos, controlar a interpretação do discurso (FIORIN, 1999).

Com isso, percebemos nas análises das reportagens aqui apontadas que o Jornal Nacional apresenta o negro brasileiro, de modo recorrente, a violência. Observamos traços que nos levam a esta isotopia temática: assassinato, prisão, polícia, Justiça, investigação, suspeita, crime etc. E a manifestação desta isotopia está manifestação principalmente na figura do negro.

Outros temas recorrentes relacionados a figura do negro no discurso do JN são o não letramento, pouca formação escolar; a pobreza; morar na periferia, à margem da sociedade; trabalho informal; necessidade de solidariedade para participar da dinâmica da sociedade, tornar-se cidadão; injustiça. E é reconhecido pela cultura popular, por meio da música que também pertence a um universo periférico, nascida e vivida em comunidades pobres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar o discurso do Jornal Nacional nas edições de 16 a 28 de abril de 2018, período escolhido de forma aleatória. A partir da observação de todas as edições, foram selecionadas as matérias que traziam pessoas negras brasileiras no telejornal. Pela teoria semiótica discursiva, em seu terceiro nível do percurso gerativo do sentido, o nível discursivo, o estudo proporcionou a análise da enunciação e sua projeção no enunciado, bem como a tematização e figurativização.

Observou-se que o Jornal Nacional é construído por meio de várias formas de expressão como imagens, som, fala, gestos, recursos de computação gráfica entre outros, manifestando, assim, a sua significação e seus vários sentidos. Para buscar (re)conhecer a visão de mundo da Rede Globo, a análise percorreu a projeção (pessoa, espaço e tempo) da enunciação no enunciado, por meio dos seus traços e marcas. No diálogo entre enunciador e enunciatário, sujeito da enunciação, tem-se a Rede Globo como enunciador e o público telespectador, seu enunciatário, o “tu” do discurso. Na projeção de pessoa, a voz do discurso é projetada em narradores-narratários (apresentadores e repórteres e público telespectador, respectivamente) e interlocutores-interlocutários (repórteres e entrevistados e público telespectador, respectivamente). O telespectador faz parte deste diálogo, o “tu” do discurso, em seu papel actancial de enunciatário, narratário ou interlocutário, assumido de forma simultânea ou não. Em 50 minutos de veiculação do telejornal, apenas 76 negros assumem a voz do discurso em papel actancial de interlocutário.

Na projeção do tempo, a própria transmissão direta, que o telejornal se utiliza, reitera o tempo do “agora” da enunciação. O que é transmitido “ao vivo” acontece no mesmo momento em que o telespectador assiste. Há a coincidência do tempo real com o tempo presente do telejornal, assim se tem o “agora” da enunciação no enunciado, ou seja, legítima perante enunciatário-telespectador como autêntico. O “ao vivo” reitera o efeito de sentido de realidade e verdade, que leva a produção do sentido de credibilidade do telejornal. Além disso, o Jornal Nacional cria o efeito de sentido de “estar acontecendo”, que se faz enquanto se exhibe, na duração estabelecida, no “agora” dos apresentadores.

Na projeção de espaço, o enunciador-Rede Globo traz seu enunciatário-telespectador, puxando-o por meio dos fios azul, de onde estiver, de qualquer espaço do planeta terra para o enunciado. Há uma valorização do discurso de qualquer lugar do mundo, onde está o público, construindo o espaço do aqui da enunciação no enunciado.

Assim, no seu fazer persuasivo, o enunciador-Rede Globo convoca e busca convencer o seu enunciatário, o público-telespectador, ao dar-lhe voz; exibindo os acontecimentos no tempo do “agora”, em qualquer parte do planeta, dentro ou fora do país, onde está o enunciatário-telespectador. Há uma valorização do telespectador, fazendo crer na sua participação no discurso construído.

O estudo dos procedimentos de tematização e figurativização, além de criar os efeitos de sentido de realidade e verdade, levam a compreensão de como o negro é apresentado no Jornal Nacional. Ao longo da investigação, a figura do negro brasileiro é ligada a temas como violência, crime, injustiça, pouca formação escolar, pobreza, morador da periferia, trabalho informal, envolvimento com a cultura popular. Assim, foi observado que o negro brasileiro apresentado no JN não diverge da imagem do senso comum da cultura brasileira, ou seja, o negro é visto como “inferior” perante os outros cidadãos. Deste modo, o discurso do telejornal reitera as temáticas que envolvem o negro na sociedade.

Foi também observado que, durante a pesquisa, o Jornal Nacional não apresentou em sua fala nenhuma característica de preconceito ao negro; porém, também, não foi observado nenhum posicionamento de debate ou discursão em prol da questão; nenhuma presença de especialista, nenhuma matéria que focasse realmente no preconceito contra o negro. Ainda percebe-se o negro como “excluído” de um projeto de nação, a começar pelo mais simples, que é o acesso aos direitos sociais básicos como educação e trabalho formal.

Quando é observada a história do Brasil, após a abolição da escravidão, não houve medidas para inserir o negro na sociedade como reforma agrária, inclusão escolar, trabalho assalariado etc., contribuindo para a existência de um discurso preconceituoso na sociedade brasileira, que é percebido nos dados estatísticos e em temas recorrentes como repressão policial, defasagem na escola, desigualdade social, assassinatos entre outros. Logo, tem-se aqui uma dificuldade de luta pelos direitos do negro mediante tantos problemas que o envolve. Paralelo a isso, tem-se o discurso do telejornal de maior audiência da televisão brasileira construído sem preconceito racial, mas sem debate a este respeito, reiterando assim o preconceito cultural ao negro brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARBEX Jr, José. **O Jornalismo Canalha**. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **Rede Globo**: 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.

BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo (orgs.). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: Modo de Fazer. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo, SP: Contexto, 2007

COURTÉS, Joseph. **Analyse sémiotique du discours**: de l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2001.

FLOCH, Jean-Marie. **Semiótica plástica e linguagem publicitária**. Trad. José Luiz Fiorin. Significação, São Paulo, n. 6, 1987.

GOMES, Itania Maria Mota. **O Infotainment e a Cultura Televisiva**. In: João Freire Filho. (Org.). A TV em transição: Tendências de programação no Brasil e no mundo. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, v. 1, p. 195-221.

GOMES I. M. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro**: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, Intercom, 2011.

GRUPO GLOBO. Grupo Globo. Disponível em <http://grupoglobo.globo.com.index.php>. Acesso em 04 fev. 2018.

GUTMANN, J. F. Articulações entre Dispositivos Televisivos e Valores Jornalísticos na Cena de Apresentação do Jornal Nacional, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.

JACKS, Nilda (Coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: COSTA, Alcir da, SIMÕES, Inimá [e] KEHL, Maria Rita. **Um país no ar: história da TV brasileira em três canais** (p. 162-323). São Paulo: Brasiliense, 1986.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes. 5 ed. 2010.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MÍDIA DADOS BRASIL. Televisão Aberta. 2013. Disponível em: <https://dados.media/#/app/mosaic/televisaoA>. Acesso em: 11 fev de 2018.

NEGÓCIOS GLOBO. Atlas de cobertura. 2015. Disponível em: <http://comercial2.redeglobo.com.br/atlascobertura/Paginas/Totalizador.aspx>. Acesso em 27 de fevereiro de 2018.

PORCELLO, Flávio. **Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda - A influência política da TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

PORTO, Mauro P. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

REBOUÇAS, Edgar. Desafios de televisão brasileira na era da diversificação. In: REIMÃO, Sandra (Org.). **Televisão na América Latina: 7 estudos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

REIMÃO, Sandra. **A televisão no Brasil: ontem e hoje**. In: REIMÃO, Sandra (Org.). **Televisão na América Latina: 7 estudos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

SANTOS, Joel Rufino. **O que é Racismo**. Coleção Primeiros Passos. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SECOM. Pesquisa brasileira de mídia. **Hábitos de consumo de mídia da população brasileira**, Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Brasília, 2011.

SILVA, Mauro Lúcio R.; MORAES, Lauro Almeida. O espaço ocupado por afrodescendentes no telejornalismo brasileiro. In: Intercom, XX, 2015. Uberlândia. Anais. Edição Digital: 2015.

RAMOS, Sílvia (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

STRAUBHAAR, Joseph Dean (1981). The Transformation of Cultural Dependence: The Decline of American Influence on the Brazilian Television Industry. Washington: The Fletcher School of Law and Diplomacy (Tese de Doutorado)

WISEU, Alfredo, PORCELLO, Flávio, COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.